

# BELEZA CORPÓREA E RELAÇÕES RACIAS

ROSANE CRISTINA DE OLIVEIRA  
JOSÉ GERALDO ROCHA  
CRISTINA DA CONCEIÇÃO SILVA  
Cândido Mendes/UNIGRANRIO  
Duque de Caxias, RJ, Brasil  
[rosanecrj@hotmail.com](mailto:rosanecrj@hotmail.com)

## Introdução:

A proposta deste artigo é discutir a questão da construção da beleza atrelado à relações étnico-raciais, com o intuito de compreender de que forma na sociedade moderna, sob a lógica advinda do processo de colonização, apresenta a busca de um ideal de beleza corpórea, marcado pela branquitude. Esta dimensão, etnocêntrica em sua essência, aloca os demais corpos (não brancos), distantes do perfil disseminado. Assim, o corpo belo passa a ser sinônimo de corpo branco. Nos espaços destinados ao “culto do corpo”, quais sejam, clínicas estéticas e academias, algumas dessas dimensões são observáveis e é neste sentido que as discussões em torno destas questões são fundamentais.

O artigo está dividido em duas partes. A primeira parte expõe brevemente a questão do corpo na antiguidade clássica, onde assumia a condição de irradiador da beleza física, saúde e intelecto (Grécia Antiga), bem como este mesmo corpo como expressão de força e combate (Roma). Ao final do império romano, o corpo passou a ser concebido como “lugar de sofrimento” e encoberto para evitar a exacerbação dos prazeres da carne. Após o Renascimento, a corporeidade é retomada e a beleza circunscrita em um universo divino e como obra de arte. Com o surgimento do capitalismo industrial, o corpo é alocado ao serviço da razão e submetido à lógica do capital: é o corpo do operário, sofrido, cansado e membro das relações de produção. A segunda parte analisa a corporeidade na modernidade, cuja beleza corpórea, além de inserida nas relações de consumo, também explicita a questão étnico-racial, nitidamente observada através da “negação dos corpos negros”, seja no espaço escolar ou nos “lugares” destinados à manutenção da beleza e estética corporal.

## 1. O corpo “belo” e o corpo sofrido

No mundo da antiguidade grega, o corpo era observado como expressão de saúde, capacidade atlética e fertilidade, cada um respeitando a beleza de cada idade e, ao mesmo tempo, o belo e o estético, o intelecto e a forma física tinham como objetivo a busca da perfeição. Portanto, a “beleza” física era um elemento tão fundamental quanto o intelecto. Além disso, o corpo também estava destinado ao combate e a força física construída e exigida o que fazia deste corpo uma arma pronta para as batalhas. Obviamente que estes corpos expressavam mais do que a beleza física: expressavam o belo, o estético, a força, o intelecto, o saber. Em Roma, estes mesmos corpos, já não tão exaltados e expostos, colocavam-se à sobra dos monumentos e obras de arte, símbolos fundamentais para a manutenção do Império Romano. Embora o império mantivesse a concepção do corpo grego como ideal, deixaram-no não tão expostos e a força para o combate mais em evidência, especialmente na figura do Gladiador. Para Tucherman,

O corpo grego era radicalmente idealizado mas devia constantemente ser treinado, produzido em função do seu aprimoramento, o que significava que ele era, ao contrário de uma natureza, qualquer que ela fosse, um artifício a ser criado numa civilização que alguns helenistas chamam de

'civilização da vergonha' por oposição à judaico-cristã que será uma civilização de culpa. (TUCHERMAN, 1999: 35-36)

Toda a lógica da beleza do corpo para ser exibida em maior ou menor proporção se perde com o Cristianismo, que o transforma em alvo de desejo e pecado. O homem medieval, moldado sob a lógica do teocentrismo, construiu sua concepção sobre o corpo entendendo a distinção entre corpo e alma e, tendo a segunda como o foco de sua existência. Nesta nova condição, o corpo deveria ser ocultado ou "vestido", pois o pecado nele contido promovia sua ressignificação como "abominável vestimenta da alma" e Deus, onipotente e onipresente, obrigava os sujeitos a manter seus corpos guardados em suas vestimentas pesadas. O corpo aceito pela lógica cristã estava voltado para o sacrifício e o sofrimento de Cristo. As dores do corpo, a rejeição aos prazeres da carne, os sacrifícios em relação à alimentação, entre outras formas de sofrimento corpóreo, teria como objetivo a elevação da alma. Esta sim, a alma, o grande artífice daquele contexto. Portanto, "a lição divulgada era a da morte de Cristo e suas torturas e, portanto, lidar bem com a dor do corpo é mais importante do que saber lidar com os prazeres, para estes novos corpos cristãos". (TUCHERMAN, 1999: 44)

Somente a partir do Renascimento o corpo é retomado em sua complexidade através da arte, da literatura, da pintura. O antropocentrismo e o método científico inaugurado na Idade Moderna realocou o corpo na condição de objeto científico, obra de arte. O corpo, retomado em sua dualidade corpo/alma, indissociável, era visto como na Grécia antiga: em sua totalidade. A Deusa de Vênus, de Boticelli, ao surgir do mar, nua, com suas mãos "escondendo" apenas as "partes íntimas", é um dos principais expoentes desta nova/antiga experiência do corpo: nu, belo, livre, perfeito. O nascimento da Deusa de Vênus, portanto, significava o ideal de beleza corpórea divina e perfeita.

No século XVIII, os iluministas e, especialmente com Descartes, o corpo passou a ser, entre tantos outros fenômenos, submetido à razão. Assim, o surgimento do capitalismo industrial (a partir de fins do século XVIII e XIX), realocou o corpo a serviço da razão e do capital, explorado e, ao mesmo tempo, fundamental no processo de acumulação do capital. Tornar-se-ia, entre outros produtos, uma mercadoria. O corpo do operário, exclusivo para a exploração, desmantelado pelo cansaço físico, mental e moral, laicizado e parte da máquina, nada mais significava, a não ser, componente de um elemento das relações de produção.

O trabalhador do capitalismo, destituído dos laços de compromissos mútuos de produção, cooperação e lealdade comunitárias do regime feudal, torna-se "forçosamente livre" para vender seu corpo (afinal, um mero aparelho a serviço da vontade de seu espírito...) como mercadoria e força de trabalho aos donos dos meios de produção, que em troca lhe pagam em dinheiro o suficiente para que mantenha suas engrenagens corpóreas funcionando. "Corpo do indivíduo", átomo social que é premido a buscar por si só as condições de sua sobrevivência; e "corpo-máquina", objeto de posse de um indivíduo que pode aliená-lo de si mesmo, de sua "alma", administrá-lo como propriedade privada e vendê-lo no mercado de trabalho. Descartes revisitado: *res extensa*, corpo-máquina do operário, trabalho braçal; *res cogitans*, indivíduo burguês, corpo pleno e cultivado, trabalho intelectual. (COELHO & SEVERIANO, 2007: 87)

Do século XX em diante, os estudos culturais destinaram novos olhares sobre a questão do corpo. Miriam Goldenberg, em *Nu e Vestido* (2002) e *De perto ninguém é normal: estudo sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira* (2005), analisa o corpo a partir da perspectiva da antropologia do desvio, salientando que a ditadura moderna em torno da construção social da beleza, longe da idealização do mundo grego, tende a transformar a busca da beleza em sofrimento, ou mudança drástica nos padrões e forma de sociabilidade. No

caso das mulheres, a manutenção da beleza física, a busca pelo retardamento do envelhecimento, ou a necessidade do corpo perfeito vendido pelas academias de ginástica e reafirmado pela mídia, transformam o corpo no alvo perfeito do capital. O depoimento de Goldenberg (2005), em relação à sua trajetória como pesquisadora, é interessante para compreendermos a nova lógica de beleza sob as quais os corpos estão inseridos:

*Seja jovem, magra e bela*, o imperativo categórico de nossos dias. Tornei-me uma verdadeira nativa desde então, aprisionada por um determinado modelo de corpo. Uma leve esquizofrenia tomou conta de mim no início do século XXI. Se, de um lado, analiso e critico o atual culto ao corpo, de outro passei a ser uma fiel consumidora de caros produtos dermatológicos (provavelmente ineficazes) e muitíssimo preocupada quando a balança anuncia um quilo a mais. (GOLDENBERG, 2005: 29)

Assim, aquelas mulheres cujas formas estéticas não estão de acordo com o padrão vendido nas revistas de moda, nos corpos de atrizes famosas ou nas passarelas fazem parte de um grupo social excluído em relação ao corpo. Além disso, um fenômeno interessante pode ser observado: a busca do corpo ideal, na condição de elemento de consumo, também encontra ecos na questão racial, uma vez que em algumas observações, o corpo desejado deveria possuir as “curvas” da mulher negra, devidamente alocado na mulher branca. Neste sentido, os estudos de Costa (1983), ao retratar e analisar a questão econômica atrelada ao processo de higienização, devidamente alocados no discurso de uma elite branca, nos relata que, o “indivíduo de extração burguesa desde a infância aprende a julgar-se superior aos que se situam abaixo dele na escala ideológica de valores-raciais.[...] geralmente estão banidos da elite física: crioulos, paraíbas, caipiras etc.” (COSTA, 1983:14).

## **2. Corpo, beleza e questão racial**

Um olhar mais atento para as capas de revistas destinadas à questão do culto ao corpo e sinônimo de beleza a ser difundida na sociedade, como, por exemplo, a *Corpo a Corpo*, *Boa Forma*, entre outras, observamos uma quantidade infinita de modelos, atrizes e personalidades brancas, expondo suas curvas, cabelos e pele “perfeitos”. Tal constatação nos parece representar uma “negação do corpo negro”, no espaço midiático (e principal difusor de valores sociais). Mattos (2007), em um excelente trabalho, cuja reflexão está alicerçada nas representações do corpo no ensino da área de educação física, chamou a atenção para o fato de que a Educação Física escolar, desde sua institucionalização, no século XIX, mostrou-se unida à classe dominante. Inicialmente comprometeu-se com o processo de higienização dos corpos e, na contemporaneidade provavelmente a disciplina de educação física, nos espaços escolares, ainda não contempla a corporeidade negra.

Historicamente, o eugenismo contribuiu para a formação de discursos ideológicos de fundo racista, propondo ideias de relacionar a fealdade tudo que não fosse belo<sup>31</sup>. Ao adotar certas características consideradas atributos de beleza e nela prevalecer o modelo grego, certamente, os negros se enquadram no conceito de fealdade segundo a proposta eugênica. Se o ideal de beleza e saúde tem como modelo o imaginário “branco”, torna-se, portanto, muito difícil reverter o estigma imposto aos negros. (MATTOS, 200: 44)

O modo do ser humano estar no mundo é, em primeira instância, dado a conhecer pela sua presença corpórea. O corpo é por excelência o instrumento privilegiado de comunicação e relação social. No entanto, em função de algumas concepções culturais, a existência de alguns

corpos é ignorada na cotidianidade da existência humana. Repensar a presença corpórea no mundo é um dos desafios colocados à contemporaneidade. Educar pra conviver salutarmente com o corpo é uma exigência que demanda cuidados especiais. Cuidados com alimentação, cuidados com o trabalho, cuidados com o descanso, com as atividades físicas, mentais, cognitivas.

O processo de colonização dentre tantos males incutidos na mente de um povo, colocou a noção de valores e beleza. No que tange a beleza corpórea, sua validade está em conformidade com os traços da branquitude, acrescido com algumas características que passam pelo tipo de cabelo, olhos, nariz, lábios, peso, altura entre outros. À luz de tal etnocentrismo, os demais corpos, não brancos, não se enquadram no perfil apregoadado. O corpo belo passa a ser sinônimo de corpo branco. De acordo com Costa (1998, p. 93)

Havia uma série de preconceitos a respeito dos estigmas físicos que permitiriam, segundo a opinião pública, distinguir o bom do mau escravo [...] desaconselhava os cabelos crespos em demasia, testa pequena ou baixa, olhos encovados e orelhas grandes, indícios em geral de mau caráter. Também não recomendava o negro de nariz muito chato, ventas muito apertadas, pois dizia que essa disposição prejudicava a respiração, não permitindo a saída livre do ar. ( COSTA, 1998:93)

A desmistificação de tais concepções de beleza corpórea certamente recolocará os corpos em igualdade de condições enquanto instrumentos de comunicação e socialização. A aceitabilidade corpórea se coloca como um desafio na contemporaneidade. Em um contexto de pluralidade cultural e etnicorracial, relacionar consigo próprio e com o outro numa perspectiva humanizadora passa necessariamente por um processo de construção identitária, onde o corpo , em seus múltiplos aspectos, se apresenta como o primeiro elemento de comunicação da diversidade corpórea. Conseqüentemente, a moldagem desse corpo não pode se restringir aos determinismos culturais etnocêntricos, onde são estabelecidos padrões tais que alguns corpos jamais alcançariam inserir-se na dinâmica da aceitabilidade e valoração.

### 3. Considerações finais

As reflexões sobre a questão da corporeidade e, em especial, as discussões sobre as relações étnico-raciais, são de extrema relevância uma vez que os corpos negros ainda encontram-se vitimizados e, por vezes, pouco aceitos ou devidamente alocados em espaços de discussão sobre beleza corpórea. Neste sentido, a área de Educação Física tem como um dos canais de atuação para a luta por igualdade racial, os debates em torno do corpo, negritude e diversidade cultural.

### 4. Bibliografia:

COELHO, Rômulo Frota da Justa; e SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. Histórias dos usos, desusos e usura dos corpos no capitalismo. *Rev. Dep. Psicol.,UFF* [online]. 2007, vol.19, n.1, pp. 83-99. ISSN 0104-8023. (<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232007000100007>).

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: edições Graal,(Biblioteca de filosofia e história das ciências: v. nº5) 2ª ed. 1983.

\_\_\_\_\_. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

GOLDENBERG, Miriam. **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os novos desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. A negação do corpo negro: representações sobre o corpo no ensino de Educação Física. Dissertação. Universidade do Estado da Bahia (Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade). 2007.

TUCHERMAN, I. Breve história do corpo e seus monstros. Lisboa: Veja, 1999.

[rosanecrj@hotmail.com](mailto:rosanecrj@hotmail.com) e [rosane.oliveira@unigranrio.br](mailto:rosane.oliveira@unigranrio.br)

Estrada Cabuçu de Baixo, n. 700, Rua F, Casa 65  
(Condomínio Vila Maria)

CEP: 23.036.060 – Guaratiba – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3426-5445 / 3316-9329 / 99316-5162